

Vice faz convenção sem Ibaneis e adia decisão sobre apoio

O Avante deixou para a última hora a definição sobre manter ou não a coligação com o MDB pela reeleição do governador. Paco Britto está conversando com políticos de diferentes partidos

» ANA MARIA CAMPOS

Excluído da chapa à reeleição, o atual vice-governador Paco Britto promoveu, ontem, a convenção de seu partido, o Avante, sem uma decisão sobre onde seu grupo político estará em outubro. A legenda adotou uma fórmula muito usada quando há dúvidas sobre alianças políticas: a convenção delega o poder de decisão para a executiva regional do partido, que tem um prazo maior para tomar um rumo: 15 de agosto.

Paco disse ao **Correio** que, na condição de vice-governador, continuará leal a Ibaneis até 31 de dezembro. Mas, antes de escolher um aliado eleitoral, precisa analisar todas as composições e alianças a serem fechadas até o registro das candidaturas. "Na convenção do partido, o foco foi ouvir os pré-candidatos e preparar a nominata para que o Avante eleja dois distritais e, se possível, um federal. Sou vice-governador até 31 de dezembro deste ano. Continuarei com o governador Ibaneis Rocha a serviço do Distrito Federal neste governo Ibaneis e Paco Britto, que tantas obras fez no DF", afirmou o vice-governador.

Paco tem diálogo aberto com políticos de diversos

Avante/Divulgação



Paco Britto com o presidente do PSC, Felipe Belmonte; Paula Belmonte (Cidadania-DF), José Roberto Arruda (PL) e Izalci Lucas (PSDB-DF)

partidos. Foi o que ficou claro ontem na convenção, realizada no Clube da Saúde. Estiveram na convenção o senador Izalci Lucas (PSDB-DF), o ex-governador José Roberto Arruda (PL), as deputadas federais

Flávia Arruda (PL-DF) e Paula Belmonte (Cidadania-DF), os presidentes regionais do União Brasil, Manoel Arruda, e do PSC, Felipe Belmonte, e o ex-deputado e ex-vice-governador Tadeu Filippelli.

Assim, o Avante tem possibilidade de se coligar com representantes das candidaturas de Ibaneis, Izalci, Paula Belmonte e do senador José Antônio Reguffe (União).

O próprio Ibaneis não esteve

na convenção, o que despertou comentários entre os políticos. Em 2018, Ibaneis foi candidato ao governo numa coligação com o PP, o PPL, o PSC e o PSL. Desta vez, o governador vai para a reeleição com uma aliança



mais ampla. Ele tem o MDB, PP, PL, PTB, Patriota e ainda negocia com outros partidos, como o Republicanos.

Durante meses, Ibaneis evitou tratar abertamente da discussão sobre quem ocuparia o cargo na chapa como vice. Paco só tomou conhecimento da escolha há duas semanas, quando Ibaneis anunciou, na sede nacional do PP, a chapa com a deputada federal Celina Leão (PP-DF), como vice, e a ex-ministra da Família, Mulher e Direitos Humanos Damares Alves, como candidata ao Senado.

Na semana passada, um acordo entre Ibaneis, Celina, Arruda e Flávia Arruda excluiu Damares, que ficou na geladeira junto com Paco Britto. Em almoço em sua casa, o governador disse que os aliados e partidos não contemplados na chapa terão espaço no novo governo.

» Entrevista | PAULO ROQUE | (NOVO)

"Vamos tirar políticos do serviço público"

» PABLO GIOVANNI*

Convidado pelo CB.Poder — parceria do **Correio** com a TV Brasília —, o pré-candidato pelo Novo, Paulo Roque, confirmou ao jornalista Carlos Alexandre de Souza a homologação da candidatura ao Senado, ratificada durante convenção do partido, na noite de ontem, no auditório do Sindicato dos Jornalistas. O advogado afirmou que é postulante de uma das três vagas em aberto pelo Distrito Federal ao Senado, e traçou uma meta de votos de eleitores. Fez críticas ao governo de Ibaneis Rocha (MDB), pontuando que Brasília não tem tradição de reconduzir seus governantes. "A eleição só acaba quando termina, e já vimos muitos governadores nessa situação que não foram reeleitos. Aliás, o Distrito Federal não tem tradição de reeleger seus governadores. O que temos visto é uma insatisfação muito grande em relação a entrega (de saúde, segurança, educação) do GDF as populações, principalmente as mais humildes", disse.

Por que esse momento é tão importante para o partido Novo?

Conseguir chegar até aqui e participar de forma ativa do processo eleitoral democrático do Distrito Federal, para o partido que é um dos mais novos do país, é muito importante. Tivemos o exemplo (do governador) Romeu Zema, em Minas Gerais, que partiu na última eleição com 2% e foi eleito com mais de 70% do eleitorado mineiro, e hoje é franco favorito a vencer

novamente. Tem toda essa avaliação que o Novo falou e cumpriu o prometido com o eleitorado, mostrando que o partido é diferente.

Qual é a grande diferença do Novo?

A grande diferença é a maneira que encaramos a política. O Novo não encara a política simplesmente como meio de melhorar a vida do político, e sim, na mais alta missão, de alguém poder receber da sociedade para representá-la e realizar as grandes transformações que a sociedade precisa. É assim que enxergamos a política, de representar o eleitorado brasileiro. Não só falando diferente, mas fazendo diferente na prática. Por exemplo, o partido não usa fundo eleitoral e estamos devolvendo R\$ 90 milhões.

Há um posicionamento do Novo em relação ao Estado e ao serviço público. Como a sigla pensa sobre o funcionalismo público e os servidores?

Nós não vamos mudar o serviço público sem o servidor público. Nunca precisamos tanto da eficiência e profissionalismo do servidor para o Brasil fazer as grandes transformações que ele precisa, sobretudo na educação, saúde e segurança. O que defendemos, primeiramente, é tirar o político de dentro do serviço público. Ele (político), na maioria das vezes, não deixa o serviço funcionar adequadamente. Um exemplo: no DF, todas as administrações regionais nunca precisaram tanto de uma eficiente administração regional e, quem as

Carlos Vieira/CB



» Aliança com Reguffe

Na convenção regional, o Partido Novo confirmou ontem a candidatura do advogado Paulo Roque ao Senado e a possibilidade de fechar alianças com o senador José Antônio Reguffe (União). A definição oficial sobre a chapa só deve ocorrer na próxima semana, quando o União Brasil fará a sua convenção que está marcada para ocorrer em 3 de agosto.

domina é um deputado, que indica todos os seus cabos eleitorais como cargos de confiança. É um loteamento, e o interesse da população fica descoberto. Acredito que isso está errado. O Novo defende o servidor concursado nesses locais, e não essa invasão de políticos na administração.

Estamos falando dessas coisas (saúde precária, falta de segurança), porque tocamos em um ponto importante dos princípios do partido, mas também na sua

candidatura, que é a defesa do cidadão. Como é isso?

O Estado não existe para ele mesmo, e sim existe para o cidadão, que paga os impostos, que precisa dos serviços de saúde, segurança. O mandato tem que estar conectado com as dores do cidadão. Quando falamos de defesa do cidadão, é saber usar o recurso do cidadão e saber devolver a ele serviços públicos eficientes. Quando vemos longas filas, no Sol Nascente, em Ceilândia, em frente às UPAs, de

principalmente as mais humildes. pessoas que estão querendo uma consulta simples. Isso é respeitar o cidadão? Fomos na Fazendinha, dentro do Sol Nascente, têm crianças que andam 4km a pé para ir à escola. Isso é estar cumprindo com o dever do cidadão? O Estado, na verdade, está deixando de servir a sociedade.

Na última eleição, o senhor teve mais de 200 mil votos. Está mais difícil (de vencer a eleição)?

É outra eleição. Digo que ninguém é dono de voto. Nós vamos para ter muito mais votos do que tivemos (em 2018) para sermos eleitos ao Senado. Precisamos de, pelo menos, 500 mil votos. Estamos indo atrás de convencer a população, de esclarecimentos e buscando o voto da cidadania. Buscando o voto daquelas pessoas que não concordam com as coisas que estão acontecendo. As pesquisas mostram que a maioria das pessoas que conhecem o Paulo Roque, votam no Paulo Roque. Então quanto mais pessoas conhecerem o que eu defendo, das ideias que levarei ao Senado, mais pessoas irão votar no Roque.

Vemos o governador Ibaneis (MDB) se lançando para a reeleição, em uma chapa bastante consolidada, envolvendo o nome de uma ex-ministra (Flávia Arruda). Como você está vendo isso? Dá para virar esse jogo?

Olha, ninguém é dono de voto. A eleição só acaba quando termina, e já vimos muitos governadores nessa situação que não foram reeleitos. Aliás, Brasília tem uma tradição de não reeleger seus governadores. O que temos visto é uma insatisfação muito grande em relação a entrega (de saúde, segurança, educação) do GDF as populações,

Onde o GDF erra?

A saúde é um dos grandes problemas, e o que as pessoas mais sentem é a falta de uma gestão da saúde. Já tivemos uma saúde, uma época, quando não tinha muitos recursos, na época do Frejat, onde a saúde funcionava. Hoje as pessoas querem uma consulta simples e não conseguem. Outra questão é o desemprego muito grande, principalmente dos jovens. Temos cerca de 300 mil desempregados, e a maioria são jovens. Evidente que existe a crise, mas tem realidades regionais que podem trabalhar isso de uma maneira, não deixando o jovem e desempregado desamparado.

De que maneira? Como poderia ser feito?

Brasília criou uma falsa sensação de quem vai resolver o problema do jovem é o serviço público. Todo mundo coloca na cabeça do jovem, desde que ele está no ensino fundamental, que o caminho é o concurso público. Só que não existe vaga para todo ano, e a cada ano fica mais difícil de ser aprovado. Hoje, de cada 100 empregos, 20 são do setor público e 80 do setor privado. Brasília poderia ser mais pensada para o setor privado, criando, estimulando. Hoje vemos uma fuga de empresas da capital federal. Nós poderíamos ser a capital da tecnologia da América Latina, e tinha que estar preparada para que fossemos o grande provedor do setor público, de tudo que o setor precisa, mas Brasília não está sendo preparada para isso. Ainda continuam com a falsa ideia de 'serviço público', e aí estamos iludindo o jovem. É um pensamento totalmente limitador. Temos muito apreço ao serviço público, mas não temos vagas para todo mundo.